

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
MEL BROOKS, DEIXA-NOS EM PAZ!
23 de fevereiro de 2026

ROBIN HOOD: MEN IN TIGHTS / 1993
(*Robin Hood: Heróis em Collants*)

Um filme de Mel Brooks

Realização e Produção: Mel Brooks / *Argumento:* Mel Brooks, Evan Chandler, J. D. Shapiro, baseados numa história de J. D. Shapiro e Evan Chandler / *Produção Associada:* Evan Chandler / *Produção Executiva:* Peter Schindler / *Direção de Fotografia:* Michael D. O'Shea / *Montagem:* Stephen E. Rivkin / *Casting:* Lindsay D. Chag, Bill Shepard / *Design de Produção:* Roy Forge Smith / *Direção Artística:* Stephen Myles Berger / *Guarda-roupa:* Dodie Shepard / *Interpretações:* Cary Elwes (Robin Hood), Richard Lewis (Prince John), Roger Rees (Sheriff of Nottingham), Amy Yasbeck (Marian), Mark Blankfield (Blinkin), Dave Chapelle (Ahchoo), Isaac Hayes (Asneeze), Megan Cavanagh (Bloomhilde), Eric Allan Kramer (Little John), Matthew Porretta (Will Scarlet O'Hara), Tracey Ullman (Latrine), Patrick Stewart (King Richard), Dom DeLuise Don Giovanni), Dick Van Patten (The Abbot), Rogert Ridgely (The Hangman), Mel Brooks (Rabbi Tuckman) / *Cópia:* 35mm, a cores, falado em inglês, legendado em sueco e eletronicamente em português / *Duração:* 104 minutos / *Estreia Mundial:* 28 de julho de 1993, Canadá / *Estreia Nacional:* 17 de junho de 1994 / *Primeira passagem na Cinemateca.*

Depois de atravessar a primeira, a segunda, a terceira e, até mesmo, a quarta parede dos estúdios, no seminal **Blazing Saddles** (1974), Mel Brooks não podia parar de destruir barreiras, continuando a fazer da sua comédia paródica um permanente laboratório de *gags* em que o cinema – o seu, desde logo – era um dos principais motivos de zombaria. **Robin Hood: Men in Tights** entra a matar, com os pobres aldeões a suplicarem para que parem de lhes arremessar setas flamejantes. No princípio dos *nineties* gozavam de uma popularidade inusitada os filmes históricos de ação, aventura e (muito) romance, sobretudo desde que **Robin Hood: Prince of Thieves** (1991), de Kevin Reynolds, com Kevin Costner, se tornara um extraordinário caso de sucesso no *box-office* e nos *charts* da música, com “(Everything I Do) I Do It for You” de Bryan Adams a vender mais de 15 milhões de cópias em todo o mundo.

Mel Brooks, o grande monarca da *spoof comedy*, até mesmo antes dos ZAZ (acrónimo pelo qual ficou conhecida a tripla constituída por David Zucker, Jim Abrahams e Jerry Zucker, realizadores de clássicos do género tal como **Airplane!** [1980]), voltava ao género seis anos após ter triturado a monumental *space opera* de George Lucas em mil pedacinhos, no seu muito celebrado **Spaceballs** (1987). Agora, era tempo de “ir chatear” os pobres habitantes de Locksley, que, à época, fartos de todo o tipo de investidas sobre as suas casas, sempre que Hollywood se lembrava de realizar mais um drama de capa e espada, se viravam para a câmara, e sonora e suplicantemente gritavam “Leave us alone, Mel Brooks!”, que em português se poderia traduzir “Oh Brooks, vai mas é chatear o Camões!” O que se passa a seguir é a máquina brooksiana a funcionar a pleno gás, numa sucessão vertiginosa de *gags*, uns melhores do que outros, uns atingindo, como setas, o coração do *smash hit* de Reynolds e Costner (talvez a piada mais venenosa diga respeito ao muito controvertido sotaque inglês, na realidade inexistente, de Costner na sua interpretação de Robin de Locksley), outros passando flagrantemente ao lado do alvo principal, mas atingindo sempre um outro qualquer (por exemplo, e imagine-se, **The Godfather** [1972] de Francis Ford Coppola).

O que importa apreciar é o metatexto (para não dizer “o hipertexto”), quer dizer, a maneira como o filme está ciente deste gesto paródico, fazendo do espectador seu cúmplice número um. Há um jogo evidente, quase um *guessing game*, em que ao espectador é lançada a questão “de onde vem esta piada?”, ao mesmo tempo que, lentamente, nos podemos afeiçoar a esta ou àquela personagem.

Mel Brooks não se exclui deste jogo. Ele participa na ação no papel de um rabino muito pouco ortodoxo que acaba por substituir o padre ao serviço da coroa corrompida do King Richard (recorde-se o retrato terrível dos membros do clero “esgrimido” no filme de Reynolds e Costner). Mas não é aí que o texto do filme atinge a sua máxima sofisticação: existem os “piscares de olho” ao público, com personagens a olharem diretamente para a câmara, mais ou menos perplexas com o que a ação oferece ou com a sua própria condição de... personagens deste filme. A câmara e o aparato cénico que a rodagem envolve convertem-se em motivos para o *gag* (num dos mais engraçados, Robin Hood trespassa o *doughnut* de um técnico da rodagem apanhado desprevenido pela espada, e pela câmara). Brooks brinca com Brooks na provocadora resposta que um jovem Dave Chapelle (uma espécie de filho, em potência, de Morgan Freeman, que coprotagoniza o filme de 1991) dá a uma multidão desconfiada acerca da possibilidade de virem a ter um xerife negro. Responde com um importante precedente: o caso de Bart (Cleavon Little) em **Blazing Saddles**. É que acabou por resultar aí, não acham? Se Bart conseguiu levar a água ao seu moinho, porque é que não vai agora a personagem de Chapelle deixar de conseguir ser o primeiro xerife negro da comunidade moralmente corrompida de Nottingham?

Os jogos de linguagem são vários – e há um prazer desmedido que se alimenta no espectador relativo à descoberta de mais uma referência em novo visionamento – mas o que ressalta a cada novo encontro com este filme é uma certa ideia de ris(c)o associada ao humor físico mais destravado. Apetece quase dizer que se Buster Keaton e Harold Lloyd faziam humor físico, Mel Brooks encena o disparate, o pleno *nonsense* pós-Monty Python, convertendo a ação do corpo numa espécie de laboratório cinematográfico. O exemplo maior vai para a inegável dedicação do realizador em alongar, somando o absurdo ao absurdo, as aparições do homem cego, Blinkin, nas cenas de ação (guardo de uma sessão pública as gargalhadas sem fim provocadas pelo plano em que este freneticamente brande a espada contra não um guarda do Príncipe John mas uma coluna em pedra do castelo). E depois há a micro – quase “nano” – história da verruga que, cena após cena, vai circulando na cara do Príncipe John de maneira aparentemente aleatória até que – lá está, pulverizando a quarta parede – o terrível xerife de Nottingham repara nesse estranho fenómeno, ao que o Príncipe responde: “Mas eu tenho uma verruga?”

Outra brilhante desconstrução do filme por si mesmo é a cena em que as personagens consultam o argumento (!!!) para confirmarem se Robin Hood tem ou não direito a mais uma tentativa no concurso de tiro ao alvo com arco e flecha que, aqui, é repegado diretamente de **The Adventures of Robin Hood** (1938) de Michael Curtiz ou da versão animada **Robin Hood** (1973), com carimbo da Disney, de Wolfgang Reitherman (uma cena que havia ficado esquecida na versão contemporânea de Reynolds e Costner). Face a este humor que dinamita as convenções e o cinema ele mesmo, deixo-me cair na tentação de lembrar que Mel Brooks participou na Segunda Guerra Mundial como sapador dedicado a desativar minas alemãs. É que o território da sua comédia explosiva está minadíssimo. E não há engenho que o consiga desminar por completo. Não conseguimos e também não queremos.

Luís Mendonça